

AS (IM)POSSIBILIDADES DOS ADULTOS DIANTE DA CONVOCAÇÃO DO INFANTIL: UMA REFLEXÃO PSICANALÍTICA

RAFAELA SOARES VILLAR¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rafaelasvillar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto surge a partir de um trabalho de conclusão de curso ainda em andamento, desenvolvido no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas e, também, vinculado ao Pulsional - Núcleo de estudos e pesquisa em psicanálise. Neste trabalho temos como pretensão refletir sobre alguns dos possíveis desdobramentos psíquicos presentes na relação adulto-criança, mais especificamente o que o encontro com a criança pode convocar no adulto. Nossa discussão tem como subsídio central a teoria psicanalítica clássica e contemporânea, costurada a aspectos sociais e próprios da temática. Para conduzir a discussão tomamos como cena as brincadeiras infantis e a tentativa de controle das mesmas.

Pretendemos, então, no presente trabalho, apontar para um movimento de controle das infâncias, o qual parece se apresentar como tentativa de garantia e perpetuação das normas sociais, mais especificamente as normas de gênero e sexualidade. Esse movimento parece ocorrer como resposta a uma possível e intensa exigência de trabalho psíquico diante do cuidado, articulada às lógicas sociais e, por outro lado, o encontro com a criança, parece poder construir um espaço para a abertura psíquica, uma oportunidade de construção de uma maior plasticidade em termos psicológicos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa apresentada neste trabalho é teórica e subsidiada pelo método psicanalítico. Esse modelo metodológico permite que haja um desenvolvimento teórico a partir da análise interpretativa de elementos sociais e de fenômenos psíquicos, levando em consideração a implicação subjetiva das pesquisadoras (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006). O caminho percorrido teve como fio condutor as leituras teóricas e como elas reverberam em quem pesquisa, deixando que as inquietações e surpresas diante do teórico também conduzam o caminho de escrita, não restringindo os desdobramentos de pesquisa ao seu problema inicial (DOCKHORN, MACEDO, 2015).

Entendemos esse movimento de contato íntimo com o tema de pesquisa enquanto parte do percurso metodológico que nos subsidia, visto que há, em relação aos textos, um processo transferencial e contratransferencial, permitindo que ocorram transformações tanto no campo de produção de conhecimento, quanto em quem pesquisa (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006). Tendo isso em vista, a pesquisa a partir do método psicanalítico, justamente por reconhecer que a produção de conhecimento está estreitamente ligada a subjetividade de quem a produz, entende suas limitações e potencialidades em obter resultados parciais e subjetivados e, portanto, não tem como pretensão construir respostas únicas e replicáveis, tampouco esgotar os questionamentos que nascem do contato com o campo teórico e tema de pesquisa (DOCKHORN, MACEDO, 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria psicanalítica, a partir dos autores que trabalhamos na nossa pesquisa, considera a primazia do outro enquanto condição para a constituição psíquica (LAPLANCHE, 1988). Podemos pensar, então, que nos momentos iniciais de vida o bebê encontra-se em estado de dependência de um outro adulto que, aos poucos, vai o inserindo no universo simbólico e na lógica social, ou seja, um adulto que possibilita o processo de constituição psíquica (LAPLANCHE, 1988). Neste momento do desenvolvimento as pulsões circulam anarquicamente pelo corpo, são pulsões parciais, ou seja, não há uma unificação ou um direcionamento objetual mais nítido para elas (FREUD, 1905). Com o passar do tempo e dos investimentos despendidos pelos adultos cuidadores, o pulsional vai ganhando direcionamentos de acordo com as normas civilizatórias (FREUD, 1905).

Para LAPLANCHE (1988), através dos investimentos iniciais são endereçadas ao sujeito *mensagens* que possibilitam o processo de inserção na vida social e simbólica. Esse processo ocorre na medida em que o adulto, ao desempenhar o cuidado, endereça *mensagens enigmáticas* ao bebê, que, por sua vez, é convocado a traduzi-las, simboliza-las (LAPLANCHE, 2014). O processo de tradução, mesmo que possibilite ao bebê criatividade tradutiva, ou seja, simbolizações diferentes, ainda estará estreitamente ligado à relação com o adulto, que pode, por exemplo, endereçar mensagens sem oferecer os códigos tradutivos ou, em alguns casos, dispor de recursos rígidos, pouco plásticos (LAPLANCHE, 2014). Nesse sentido, nos parece que os adultos possuem uma dupla função: a de transmitir as mensagens através do cuidado e a de oferecer os recursos iniciais para que o bebê possa vir a traduzir, simbolizar.

Esse movimento acontece potencialmente fora do controle dos adultos e um dos pontos que podemos pensar para chegar nessa ideia é que mensagens endereçadas estão carregadas de elementos inconscientes e, por isso, são consideradas *enigmáticas* (LAPLANCHE, 2014). Esse momento inicial de constituição psíquica é chamado por LAPLANCHE (2014) de *situação antropológica fundamental*, isto é, um encontro adulto-criança permeado pelo inconsciente sexual (no sentido do pulsional perverso polimorfo) do adulto diante da criança, que ainda não dispõe dos recursos simbólicos e sexuais e que depende desse outro adulto no auxílio para as traduções. Esses elementos estão comprometidos com as dinâmicas próprias do contexto em que os sujeitos se inserem, visto que essas estão presentes nas relações cotidianas e, por isso, presentes no cuidado.

No que diz respeito a esse momento de relação inicial, podemos perceber nos textos teóricos da psicanálise a presença central da relação adulto-criança de forma unilateral, ou seja, parece ser mais presente pensar em psicanálise o que reverbera na criança neste encontro, do que no adulto. Entendemos que para pensar a constituição psíquica é preciso que se dê centralidade ao que parte do adulto, visto que este introduz a criança no ambiente e no universo simbólico. No entanto, e tendo em vista os movimentos do adulto diante do pulsional anárquico predominante nas crianças, surge o interesse em saber mais quais *mensagens* são destinadas aos adultos, ou melhor, com o que o adulto, diante das crianças precisa lidar em si.

LAPLANCHE (2014) no final do texto “*os três ensaios e a teoria da sedução*” nos dá uma pequena e instigante pista para pensarmos esse encontro do adulto com a criança, quando conclui que:

“(...) todo adulto, especialmente em presença da criancinha, vê despertar em si mesmo esta sexualidade “perversa” (no sentido mais geral do termo), que não pode deixar de passar nas mensagens mais precoces enviadas a criança pelo adulto (LAPLANCHE, 2014, p.245).”

Esse despertar da sexualidade/do pulsional perverso polimorfo, ou seja, da própria sexualidade infantil (mesmo que recalçada), nos faz pensar que a partir do encontro adulto-criança pode haver um movimento de reabertura da *situação antropológica fundamental* (LAPLANCHE, 2014) para o adulto. Esse movimento parece poder se desdobrar em um reencontro com o *enigmático*, tanto no sentido de vir a provocar possibilidades de (re)tradução, de abertura, ou, também, se desdobrar em um enrijecimento defensivo, de repetição de traduções já feitas por parte do adulto que, em muitos casos, estão estreitamente relacionadas às dinâmicas sociais de poder.

Diante disso, pensamos ser possível trabalhar com a ideia de que a restrição excessivamente enrijecida das lógicas de cuidado pode se apresentar como uma das respostas possíveis ao encontro do adulto com seu pulsional perverso polimorfo que o cuidado com a criança provocou. Nesse sentido, pensamos que uma das formas que esse cuidado excessivamente enrijecido se manifesta é na restrição das brincadeiras infantis com base nas normas de gênero e sexualidade, visto o que citamos acima, da relação entre as mensagens e o contexto social. Normas essas baseadas, por vezes, na falsa ideia de garantia e docilização dos futuros adultos a partir da restrição das expressões infantis, como se a infância pudesse, em alguma medida, ser um “laboratório” de normalização social (PRECIADO, 2020).

Por outro lado, pensamos que ainda em uma resposta excessivamente enrijecida destinada à criança, pode haver a possibilidade de abertura, visto que haverá, nas mensagens/manifestações adultas, algo que remete aos elementos dos quais o adulto se defende, ou seja, algo que, em vias civilizatórias, de organização pulsional, o adulto precisou, anteriormente, recalcar, se defender. Podemos pensar, então, que diante da dinâmica das brincadeiras infantis que provocam um movimento de excessivo enrijecimento e tentativa de controle, subsidiado, muitas vezes, pelas normativas de gênero e sexualidade, virá algo do próprio sexual perverso polimorfo do adulto (que remeterá a esse aspecto) e poderá possibilitar que, diante desse encontro, da reabertura da *situação antropológica fundamental* (LAPLANCHE, 2014) o adulto possa retraduzir, ou seja, simbolizar de outras maneiras, agora possivelmente mais plásticas.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista que parece haver pouco material que reflita sobre o trabalho psíquico do adulto diante da criança e que esse trabalho se mostra, também, pouco explorado na vida cotidiana, ou seja, parece que os adultos ao exercerem o papel de cuidado não dispõem de espaços/tempos para trabalhar as reverberações do encontro com a criança, entendemos como importante que se explore este aspecto a partir da teoria psicanalítica. Além disso, a ausência de espaço para elaboração e a intensa exigência de trabalho psíquico que o encontro com uma criança coloca para o adulto reverbera na relação estabelecida com as crianças em nossa sociedade. Essas respostas estão estruturadas em dinâmicas sociais, como a busca pela cis-heteronormatividade. Portanto, o trabalho feito de forma crítica e situada, articulando os temas aqui presentes, vistos a partir de uma lógica que foge da psicanálise clássica e aponta para uma

tentativa de normalização, baseada em pressupostos de gênero e sexualidade presente desde muito cedo na estrutura social, parece apresentar um movimento de re colocação da teoria, bem como uma reflexão importante para aplicabilidade prática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/article/view/18068>. Acesso em: 12 maio. 2022.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 maio 2022.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade** (P. C. Souza, Trad.). Brasília: Companhia das Letras, 1905.

FREUD, Sigmund. Repressão. In **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, p. 147-165, 1915

FREUD, Sigmund. **Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna** (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1908

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: _____ **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, p. 117-146. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V.14. 1915/2006.

LAPLANCHE, Jean. **A teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, Jean. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006**. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.